



Protestantismo em Revista é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

Educação Musical na perspectiva do perdão

Musical education in forgiveness perspective

*Laude Erandi Brandenburg**

*Ari dos Santos Prates Júnior***

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo analisar a docência e a desvinculação do individualismo na perspectiva do perdão no processo de educação musical na escola. A pesquisa em questão abordará a formação da individualidade com base na Psicologia do Desenvolvimento de Papalia, os benefícios possivelmente proporcionados pelo perdão segundo a perspectiva de Frederic Luskin e de Evereth Worthington, e como o ensino musical defendido por Granja, em especial a prática em conjunto, poderia ajudar a compreender as pessoas e a si, fato que possibilitaria aos e às estudantes lidarem melhor com os próprios erros e a perdoarem as outras pessoas.

Palavras-chave

Educação. Moral. Perdão. Música.

Abstract

This study aims to analyze the teaching and the untying of individualism in forgiveness perspective on music education process at school. The research will address the formation of individuality based on Papalia's Psychology of Development, the benefits provided for forgiveness under the perspective of Frederic Luskin and Evereth Worthington, and how the musical education advocated by Granja, in particular, the practice together, could help to understand people, a fact that would enable students to deal better with their own mistakes as well as to forgive others.

Keywords

Education. Moral. Forgiveness. Music.

[Texto recebido em 15/10/2015 e aceito em 26/04/2016, com base na avaliação cega por pares realizada por pareceristas ad hoc]

* Doutora em Teologia, docente do Programa de Pós-Graduação em Teologia, do Bacharelado em Teologia e da Licenciatura em Música da Faculdades EST, São Leopoldo/RS, Brasil. E-mail: laude@est.edu.br

** Estudante de Licenciatura em Música, bolsista PEIC da Faculdades EST. E-mail: ari.prates.jr@gmail.com

Considerações Iniciais

Perdoar é o ato de isentar de culpa a pessoa que provocou um mal para consigo. A sociedade contemporânea tem dificuldade em lidar com as individualidades, por outro lado as pessoas, muitas vezes, têm dificuldade de adaptação ao contexto social. O ser humano, não só é magoado pelos outros seres humanos e por si, mas, também, magoa aos outros seres humanos. Nesse panorama o ato de perdoar se faz necessário para que as mágoas não prejudiquem a qualidade de vida das pessoas.

O presente trabalho tem por objetivo analisar a docência e a desvinculação do individualismo na perspectiva do perdão no processo de educação musical na escola. A pesquisa em questão abordará a formação da individualidade com base na Psicologia do Desenvolvimento de Papalia, os benefícios possivelmente proporcionados pelo perdão segundo a perspectiva de Frederic Luskin e de Evereth Worthington, e como o ensino musical defendido por Granja, em especial a prática em conjunto, poderia ajudar a compreender as pessoas e a si, fato que possibilitaria aos e às estudantes lidarem melhor com os próprios erros e a perdoarem as outras pessoas.

A problemática da pesquisa surgiu em sala de aula, na prática docente do pesquisador, quando o mesmo percebeu que os alunos em práticas em conjunto tinham extrema dificuldade de perdoar os próprios erros musicais e os das outras pessoas.

Perdão, Moral e Culpa

Segundo o diretor do *Forgiveness Project*, Frederic Luskin, “Enquanto a vida for difícil e imprevisível nós precisaremos da qualidade do perdão”¹. Luskin também afirma que o perdão sempre existiu, pois sempre as pessoas maltrataram umas as outras e o mesmo define perdão como a habilidade que necessitamos para nos recuperar de algum maltrato².

O Dr. Everett Worthington, em sua obra “*Just Forgiveness*”, divide o perdão em duas categorias: o perdão divino (de Deus para com as pessoas) e o perdão interpessoal (das pessoas para outras e para elas mesmas)³. Para o fim dessa pesquisa, o autor optou por se basear no perdão interpessoal, pois segundo Jean Piaget no texto “Os Procedimentos da Educação Moral” tanto na moral religiosa quando na laica existem concordâncias no que tange a moral de cooperação e o respeito mútuo⁴.

¹ LUSKIN, Frederic. Theology Institute Annual Conference: Forgiveness "The Psychology of Forgiveness". United States of America. 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zlo26PwfcLY>. Acesso em: 20 set. 2015.

² LUSKIN, 2008.

³ WORTHINGTON, Everett Jr. *A Just Forgiveness*. United States of America: Editora IVP Books. 2009. p. 8.

⁴ PIAGET, Jean. Os procedimentos da educação moral. In: DE MACEDO, Lino et al. (Orgs.). *Cinco Estudos de Educação Moral*. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, 1996. p. 9.

O perdão interpessoal pode ser dividido na perspectiva do perdoar as outras pessoas e a si mesmo, já que perdoar a si pode ser muito mais difícil que perdoar outros e outras⁵. A autocondenação é um sério problema social e pessoal, pois pode causar angústia e depressão, o que conseqüentemente acaba por afetar os relacionamentos interpessoais, logo toda sociedade como dito pelo Dr. Worthington⁶.

O perdão só é possível quando a pessoa possui um senso moral que a permite sentir-se culpada ou sentir-se lesada, pois segundo Diane Papalia no seu livro "Desenvolvimento Humano": "As emoções autodirigidas, como a culpa, a vergonha e o orgulho, desenvolvem-se até o final do terceiro ano, depois que a criança adquire consciência de si mesma e aceita os padrões estabelecidos pelos pais".⁷

Já Maria José Ortiz, María Jesús Fuentes e Félix López no texto "Desenvolvimento socioafetivo na primeira infância" afirmam que "as emoções morais como a vergonha, a culpa e o orgulho aparecem no decorrer do segundo ano, uma vez que se tenha desenvolvido o conceito de si mesmo"⁸ e que a culpa é resultado de uma dor empática para com alguém ao qual o indivíduo faz algum mal.

Egberto Maturana na obra *Cognição, Ciência e Vida Cotidiana* reflete que emoções são ações corporais involuntárias as quais nos fazem operar instantaneamente⁹. O autor também cita que aprendemos a lidar com nossas emoções por meio do contato social ocorrido na linguagem¹⁰. Papalia cita a memória episódica como a lembrança de um incidente específico¹¹. A mesma alerta que "A cultura afeta o que as crianças lembram a respeito de uma experiência e a maneira pela qual seus pais conversam com elas sobre o assunto"¹². O perdão é necessário quando há um desvio moral e de acordo com Piaget: "para que as realidades morais se constituam é necessário uma disciplina normativa, e para que essa disciplina se constitua é necessário que os indivíduos estabeleçam relações uns com os outros".¹³

Já Émile Durkheim, na obra "A Educação Moral", apresenta a seguinte perspectiva sobre a criação de regras: "Há uma característica comum a todas as ações que comumente chamamos morais, que é o fato de que estas se dão segundo regras

⁵ WORTHINGTON, 2009, p. 9

⁶ WORTHINGTON, Everett Jr. *AACC Conference*. 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YenANbHqcTo>

⁷ PAPALIA, Diane et al. *Desenvolvimento Humano*. São Paulo: Editora McGraw-Hill Interamericana do Brasil Ltda. 2009. p. 283.

⁸ ORTIZ, Maria José et al. *Desenvolvimento Socioafetivo na Primeira Infância*. In: COLL, César ET AL (Orgs.). *Desenvolvimento Psicológico e Educação: Psicologia Evolutiva*. Porto Alegre: Artmed, 2008, p. 118.

⁹ MATURANA, Humberto. *Cognição, Ciência e Vida Cotidiana*. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2001. p. 129.

¹⁰ MATURANA, 2001, p. 132.

¹¹ PAPALIA, 2009, p. 259.

¹² PAPALIA, 2009, p. 262.

¹³ PIAGET, 1996, p. 3.

preestabelecidas”¹⁴. Durkheim também pensa que o papel da moral deve ser tirar as regras de conduta de um domínio individual, o ensino da moral deve ser autoritário, porque o “não” é normativo¹⁵. Ainda sobre moral, Piaget ressalta a importância de a disciplina normativa ocorrer internamente porque só o respeito interno é capaz de ocasionar uma mudança real de comportamento¹⁶. O respeito mútuo também entra em pauta como uma:

O respeito mútuo é uma espécie de forma limite de equilíbrio para a qual tende o respeito unilateral, e pais e professores devem fazer tudo o que for possível, segundo cremos, para converterem-se em colaboradores iguais à criança. Cremos, no entanto, que esta possibilidade depende da própria criança, e pensamos que durante os primeiros anos um elemento de autoridade fatalmente se mescla às relações que unem as crianças aos adultos.¹⁷

O desenvolvimento moral segundo Jesús Palacios, María Del Mar González e María Luisa Padilla, no texto “Conhecimento social e desenvolvimento de normas e valores entre os dois e os seis anos”, caracterizasse pelo comportamento social considerado aceitável e justo¹⁸, o mesmo só é possível a partir do ponto que as crianças começam a relacionar-se entre si, o que segundo Papalia ocorre após a primeira infância¹⁹. Os autores também salientam que “aos três ou quatro anos as crianças já são capazes de fazer algumas matizações à ideia geral de que as autoridades são aquelas que estabelecem as normas”²⁰. O relacionamento pró-social acentua-se na terceira infância quando as crianças tornam-se solidárias com os problemas das outras, pois segundo Papalia: “Crianças que evitam ou culpam um amigo que precisa de ajuda ou apoio (depois de ser provocado ou ter sido motivo de zombaria por parte dos colegas de classe) tendem a ter poucas amizades, e de baixa qualidade”.²¹

Piaget avalia que a autoridade do adulto é incapaz de coagir o egocentrismo infantil²² enquanto Papalia afirma que somente na terceira infância as crianças “aprendem o que as deixa com raiva, medo ou tristes e como as outras pessoas reagem à expressão dessas emoções”²³. A culpa e a vergonha servem para regular a conduta social e as faltas desses sentimentos tendem a ser percebidos como conduta antissocial²⁴. A transgressão da

¹⁴ DURKHEIM, Émile. *A Educação Moral*. Petrópolis: Editora Vozes. 2008, p. 39

¹⁵ DURKHEIM, 2008, p. 42.

¹⁶ PIAGET, 1996, p. 6.

¹⁷ PIAGET, 1996, p. 14.

¹⁸ PALACIOS, Jesús Palacios; GONZÁLEZ, María Del Mar; PADILLA, María Luisa. Conhecimento social e desenvolvimento de normas e valores entre os dois e os seis anos. In: COLL, César et al. (Orgs.). *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva*. Porto Alegre: Editora Artmed, 2008. p. 199

¹⁹ PAPALIA, 2009, p. 307.

²⁰ PALACIOS; GONZÁLEZ; PADILA, 2008, p. 205.

²¹ PAPALIA, 2009, p. 375.

²² PIAGET, 1996, p. 6.

²³ PAPALIA, 2009, p. 359.

²⁴ ORTIZ, 2008, p. 118.

moral na construção da individualidade sugerida por Papalia ocasiona um conflito entre a iniciativa de planejar e executar atos amorais e a reflexão sobre as consequências de tais atitudes²⁵.

Educação Moral e Musical

Piaget defende o não uso da moral como componente curricular, mas sim a inserção da educação moral como inter e transdisciplinar, pois entende que a moral deve ser vivenciada e analisada pelas crianças para que as mesmas possam redescobrir e repensar as construções morais²⁶. Já Durkheim apresenta a problemática da educação moral na seguinte perspectiva:

O que nos faz duvidar da eficácia da escola no que concerne à cultura moral é o fato de que esta nos parece implicar tal variedade de ideias, de sentimentos, de hábitos, que o mestre, durante os breves instantes em que as crianças permanecem sob sua influência, não disporia do tempo necessário para despertá-los e desenvolvê-los.²⁷

Durkheim aponta à racionalização nas construções morais como obrigatória para que possamos entender a natureza desses fenômenos desprendida de qualquer apego mitológico ou religioso²⁸. A inter e transdisciplinaridade são trazidas por Paulo Freire no livro "Pedagogia da Autonomia" na reflexão que "transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador"²⁹. O Pedagogo ainda indica que "Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise falar a ele"³⁰, logo é possível entender a escuta em sala de aula como reciprocidade, pois é necessário do aluno para com o professor e vice-versa.

A música é defendida como linguagem por Eduardo Granja na obra "Musicalizando a Escola" com a seguinte afirmação:

Entende-se por linguagem qualquer tipo de sistema de signos que produza algum sentido para o ser humano. Portanto, essa área de estudo não se restringe às linguagens verbais ou simbólicas, mas engloba uma ampla gama de linguagens. A música, por exemplo, é um tipo de linguagem com signos próprios, cujo entendimento não passa necessariamente pelo crivo do verbal.³¹

²⁵ PAPALIA, 2009, p. 283.

²⁶ PIAGET, 1996, p. 15.

²⁷ DURKHEIM, 2008, p. 37.

²⁸ DURKHEIM, 2008, p. 27.

²⁹ FREIRE, 2014, p. 34.

³⁰ FREIRE, 2014, p. 111.

³¹ GRANJA, 2010, p. 56.

A música em sala de aula tem o poder de ensinar a escutar, logo racionalizar a matéria sonora. A audição é o canal no qual as comunicações verbais e musicais realizam-se, então é necessário uma escuta atenta para que o diálogo aconteça, pois o silêncio também é fundamental para que o diálogo ocorra³². Keith Swanwick, autor de “Ensinando Música Musicalmente” cita música como “uma rede de conversações que possui muitos sotaques diferentes, sendo que nessa conversação, todos nós temos uma ‘voz’ musical e também ouvimos as ‘vozes’ musicais de nossos alunos”³³. A música é percebida por Granja como multissensorial, pelo fato de não envolver apenas a audição, mas todos os sentidos³⁴. Sobre a importância da linguagem em nossa sociedade Maturana cita:

Os Objetos, a consciência, a auto-reflexão, o self, a natureza, a realidade, e assim por diante, tudo o que nós, seres humanos, fazemos e somos acontece na linguagem como distinções ou como explicações na linguagem do nosso estar na linguagem.³⁵

A vida social após os sete - oito anos se intensifica, fato o qual gera uma maior necessidade de igualdade entre crianças, de modo que a autoridade na educação e relações interpessoais têm os efeitos reduzidos³⁶. Na música isso é notado no momento que as crianças ou adolescentes começam a formar vínculos afetivos pelo gênero musical em comum porque “A maneira como nos relacionamos com os demais depende de determinadas ideias que temos sobre o que eles esperam de nós, sobretudo sobre os seus sentimentos, sobre suas necessidades e seu ponto de vista”.³⁷

A identificação com um determinado grupo está ligada com o senso de identidade que segundo Papalia “tem um aspecto social: a criança incorpora em sua autoimagem a crescente compreensão de como os outros a veem.”³⁸ E também porque “as crianças são sensíveis não só à moral adulta, mas também à cultura moral que é gerada no grupo de iguais”³⁹. Ao mesmo tempo é dever docente dialogar com o aluno, ouvir o que ele ouve e fala para poder ampliar a esfera cultural na qual o aluno está inserido, pois segundo Theodor W. Adorno o bom ouvinte não limita a própria escuta por categorias específicas ou no gosto pessoal⁴⁰. A música em sala de aula é útil como instrumento para promover a humanização, pois:

O reconhecimento sensorial e a interpretação conceitual articulam-se num processo contínuo, superando a dicotomia entre percepção e concepção. A

³² FREIRE, 2014, p. 114.

³³ SWANWICK, 2012, p. 46.

³⁴ GRANJA, 2010, p. 56.

³⁵ MATURANA, 2001, p. 154.

³⁶ PIAGET, 1996, p. 7.

³⁷ PALACIOS; GONZÁLEZ; PADILA, 2008, p. 199.

³⁸ PAPALIA, 2009, p. 279.

³⁹ PALACIOS; GONZÁLEZ; PADILA, 2008, p. 213.

⁴⁰ ADORNO, W. Theodor. *Introdução à Sociologia da Música*. São Paulo: Editora Unesp. 2009. p. 61-62.

música é a linguagem mais apta para promover a aproximação entre o percebido e a percepção, ou dito de outra forma, entre a sensação e a interpretação conceitual.⁴¹

Granja acredita que a produção em massa de música pela indústria gera uma escuta desatenta o que faz da educação musical importante para o aumento da percepção auditiva presente na música e no discurso das outras pessoas⁴². Também sobre a importância da música, Granja explica que “Todos nós somos seres musicais por natureza, assim como seres linguísticos, matemáticos, corporais, históricos etc. A música deve ser contemplada pela escola porque é uma linguagem própria do homem e não apenas do músico”.⁴³

O autor defende o ensino da música na escola, também, pelo caráter humano presente na música e porque tal ensino pode aumentar o prazer na apreciação musical com devido ao maior domínio sobre a matéria sonora⁴⁴. Alguns aspectos musicais são iguais para musicistas e não musicistas, pois a percepção e o conhecimento da linguagem são os mesmos para locutor e interlocutor⁴⁵.

Considerações Finais

O perdão é uma qualidade característica da individualidade, logo não é possível ensinar alguém a perdoar, mas é possível tornar alguém mais apta para perdoar. É necessário ter consciência que o perdão é uma qualidade a qual interfere na saúde e que é possível exercitá-lo. A educação moral pode contribuir para isso devido ao fato que as construções morais desde seus primórdios e em todas as sociedades conhecidas tiveram sempre a mesma função: criar regras sobre o que aceitável ou não no âmbito social. A moral é reguladora; uma má educação moral pode ocasionar graves desvios de personalidade. É necessário inseri-la nos componentes curriculares de todos os níveis de ensino, mas como muitos teóricos propuseram o ensino moral não deve ganhar um espaço especial entre as aulas, mas sim precisa ser trabalhado constantemente para que se vincule com as práticas diárias de cada estudante. O aprendizado precisa ser significativo para que não vire puro adestramento motor e cognitivo. Na música, por exemplo, é possível estimular alguém a perdoar desde que a docência demonstre um comportamento emocional exemplar, já que as crianças copiam modelos emocionais (e morais) das pessoas próximas. A música também é uma linguagem, pois possui seus próprios signos e gramática, logo regras, ou seja, os modelos de educação moral propostos por Durkheim e Piaget são aplicáveis ao ensinar essas regras e salientar a importância das mesmas para que o prazer estético possa ocorrer. A educação musical pode proporcionar uma maior

⁴¹ GRANJA, 2010, p. 62.

⁴² GRANJA, 2010, p. 73.

⁴³ GRANJA, 2010, p. 105.

⁴⁴ GRANJA, 2010, p. 107.

⁴⁵ GRANJA, 2010, p. 47.

percepção, e para perceber música é necessário silêncio e concentração, o que na educação moral auxilia na escuta do discurso das outras pessoas.

A docência deve aproveitar o fato de música ser uma sucessão de eventos sonoros para permitir que os erros cometidos na execução musical sejam reparados por meio da repetição. A música dá a oportunidade de tentar de novo para reparar os erros e sentir novamente o prazer estético. Isso aplicado em uma prática musical em grupo pode tornar os alunos e as alunas mais benevolentes e pacientes com as outras pessoas e consigo. Também é importante que a docência ressalte as potencialidades no lugar das dificuldades, pois é necessário desmistificar a música como dom divino para que seja possível formar plateias musicais, assim como cidadãos e cidadãs que saibam escutar as outras pessoas e se comunicar com elas para que, assim, possam perdoar não importa a quem.

Referências

ADORNO, W. Theodor. *Introdução à Sociologia da Música*. São Paulo: Editora Unesp. 2009.

DURKHEIM, Émile. *A Educação Moral*. Petrópolis: Editora Vozes. 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra. 2014.

GRANJA, Carlos Eduardo de Souza Campos. *Musicalizando a escola: música, conhecimento e educação*. São Paulo: Editora Escrituras. 2010.

LUSKIN, Frederic. *Theology Institute Annual Conference: Forgiveness "The Psychology of Forgiveness"*. United States of America. 2008. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=zlo26PwfcLY>

ORTIZ, Maria José et al. Desenvolvimento socioafetivo na primeira infância. In: COLL, César et al. (Orgs.). *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva*. Porto Alegre: Editora Artmed, 2008. p. 105-123.

MATURANA, Humberto. *Cognição, Ciência e Vida Cotidiana*. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2001.

PALACIOS, Jesús Palacios; GONZÁLEZ, María Del Mar; PADILLA, María Luisa. Conhecimento Social e desenvolvimento de normas e valores entre os dois e os seis anos. In: COLL, César et al. (Orgs.). *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva*. Porto Alegre: Editora Artmed, 2008. p. 199-213 .

PAPALIA, Diane et al. *Desenvolvimento Humano*. São Paulo: Editora McGraw-Hill Interamericana do Brasil Ltda. 2009.

PIAGET, Jean. Os Procedimentos da Educação Moral. In: DE MACEDO, Lino et al. (Orgs.). *Cinco Estudos de Educação Moral*. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, 1996. p. 1-36.

SWANWICK, Keith. *Ensinando Música Musicalmente*. São Paulo: Editora Moderna Ltda. 2012.

WORTHINGTON, Everett Jr. *AACC Conference*. 2008. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=YenANbHqcTo>

WORTHINGTON, Everett Jr. *A Just Forgiveness*. United States of America: Editora IVP Books. 2009.